



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



FONOAUDIOLOGIA EDUCACIONAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Gladson de Oliveira Santos^[1]

Eixo: Educação, Sociedade e Práticas Educativas

RESUMO

Análise da relação entre a Fonoaudiologia e a Educação no Brasil, através de reflexões sobre como é possível inserir o fonoaudiólogo enquanto membro da equipe escolar. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica exploratória através da percepção de autores como Bacha e Osório (2004), Maranhão, Pinto e Pedruzzi (2009), Zorzi (2008), Costa (1999), Lagrotta e César (1997), Oliveira e Natal (2011). Também foram analisados documentos como a lei 6569 de 1981 e resoluções normativas do Conselho Federal de Fonoaudiologia. Com isso percebeu-se que a construção da Fonoaudiologia Educacional depende de ações dialógicas envolvendo a Educação Básica e a Educação Superior e que a articulação entre a Fonoaudiologia e a Educação tende a contribuir para a efetivação dos processos de ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

Analysis of the relationship between speech therapy and education in Brazil, through reflections on how you can enter the audiologist as a member of the school team. For this, we conducted an exploratory literature search through the perception of authors as Bacha and Osorio (2004), Maranhão, and Pedruzzi Pinto (2009), Zorzi (2008), Costa (1999), Lagrotta and César (1997), Oliveira and Natal (2011). Were also analyzed documents as the law of 1981 and 6569 normative resolutions of the Federal Council of Speech. Thus it was realized that the construction of Speech Educational depends on dialogical actions involving Basic Education and Higher Education and the linkage between speech therapy and education tends to contribute to the effectiveness of teaching and learning.

INTRODUÇÃO

O Brasil das primeiras décadas do século XX pode ser caracterizado como um país de extremos. Enquanto a região nordeste apresentava uma economia estruturada na agonizante produção açucareira, o sudeste brasileiro abrigava a cultura do café, principal produto de exportação nacional. O período de prosperidade do café foi fundamental para a acumulação do capital utilizado no embrião do processo de industrialização têxtil nacional iniciado nos estados do sudeste. Com isso, essa região que também era o centro político nacional passou a receber um grande contingente populacional proveniente de outras regiões do Brasil e

principalmente de outros países (FURTADO, 2010).

O volume de imigrantes presentes, principalmente, nos estados do sul e sudeste do Brasil ocasionou um problema para o processo de criação da nação brasileira. Como criar uma nação em um território caracterizado pela grande diversidade racial, linguística, cultural? Para lançar as bases que estruturariam a criação da nação Brasil, o governo republicano promoveu diversas ações voltadas para uma homogeneização cultural na música, cinema, literatura, língua, artes visuais etc.

A Fonoaudiologia surgiu no Brasil vinculada ao setor educacional objetivando a padronização da língua oficial do país na década de 1920 (MARANHÃO, PINTO e PEDRUZZI, 2009). O brasileiro teria que ter um modo de falar caracterizado como seu e para isso era fundamental diminuir a influência dos sotaques dos diversos povos migrantes no cotidiano social. Os gestores elegeram a escola como local de homogeneização da língua portuguesa no Brasil, a ser colocada em prática por professores especializados em fala.

Com o exercício profissional, o caráter complexo da atividade, o contato com alterações de fala e linguagem, esses professores passaram a se aproximar dos conceitos e técnicas da área da saúde, tendo em vista que lidavam constantemente com a reabilitação. Isso no decorrer da longa duração resultou em um distanciamento da fonoaudiologia do ambiente escolar, em uma perda da identificação inicial. O fonoaudiólogo durante grande parte de sua existência no Brasil esteve voltado muito mais para a prática clínica, que abriga seus principais paradigmas de formação, que para o trabalho educativo.

Nas últimas décadas, principalmente após regulamentação dos princípios da Educação Inclusiva, a ciência fonoaudiológica novamente se encontra com a educação. Com isso é necessário refletir sobre a função do fonoaudiólogo na escola, como será sua intervenção, como a escola o percebe, como ele percebe esse novo espaço de atuação?

O objetivo desse trabalho é analisar a relação entre a Fonoaudiologia e a Educação no Brasil, apontando reflexões sobre como é possível inserir o fonoaudiólogo enquanto membro da equipe escolar.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica exploratória através da percepção de autores como Bacha e Osório (2004), Maranhão, Pinto e Pedruzzzi (2009), Zorzi (2008), Costa (1999), Lagrotta e César (1997), Oliveira e Natal (2011) entre outros. Também foram analisados documentos como a lei 6569 de 1981 e resoluções normativas do Conselho Federal de Fonoaudiologia.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

A relação entre a Fonoaudiologia e a Educação é caracterizada por períodos de aproximação e distanciamentos. Apesar de ter suas raízes estreitamente vinculadas ao campo educacional, a Fonoaudiologia Brasileira historicamente teve seu desenvolvimento voltado para a prática clínica, especializando-se progressivamente nas alterações dos padrões normais de comunicação já instaladas nos indivíduos. Assim, a identificação do profissional da Fonoaudiologia no Brasil foi construída a partir de sólidas articulações com as ciências da saúde.

Bacha e Osório (2004), ao realizarem uma revisão histórica da relação entre a Fonoaudiologia e a Educação afirmaram que o exercício da Fonoaudiologia no Brasil foi iniciado pelos Ortofonistas, profissionais do magistério que recebiam um curso de curta duração de aproximadamente 3 meses que os

habilitavam a trabalhar com os distúrbios da comunicação, sendo conhecidos também pelas nomenclaturas de Terapeutas da Palavra ou Logopedistas. O cotidiano do trabalho com os distúrbios, o processo de entendimento das alterações da comunicação, a elaboração das intervenções de reabilitação exigiram desses profissionais a aproximação com ciências como a medicina e psicologia, como se pode observar no texto a seguir:

A profissão do fonoaudiólogo nasceu ligada à atividade pedagógica do professor, mas o caráter reabilitador exigiu mais aproximação da área médica.

Em São Paulo/SP, os primeiros cursos de graduação em 'Logopedia' foram organizados por médicos e psicólogos, na Universidade de São Paulo – USP (1960) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP (1961), cuja influência médica determinou característica eminentemente clínica aos profissionais. (BACHA e OSÓRIO, 2004, p. 218).

A partir dessa forte vinculação com a prática clínica, o profissional da Fonoaudiologia passou por uma mudança de paradigma na forma como se percebia e era percebido enquanto profissional. Progressivamente o professor que se habilitava no tratamento dos distúrbios da comunicação cedia lugar ao profissional da área da saúde, especialista na saúde da comunicação. Apesar da efetivação da comunicação continuar sendo o objetivo do profissional, a mudança do paradigma determinou formas de intervenções diferenciadas entre as duas posturas.

Em 1981, com a regulamentação da profissão realizada pela lei nº 6965 de 09/12/2981, artigo 1º, parágrafo único ao definir a atuação fonoaudiológica na pesquisa, prevenção, avaliação e terapias na área da comunicação oral e escrita, voz, audição e aperfeiçoamento dos padrões de fala e voz, é possível observar que o ambiente escolar enquanto campo de inserção do fonoaudiólogo foi legalmente assegurado.

Em 2002, o Conselho Federal de Fonoaudiologia, ao tratar do exercício profissional do fonoaudiólogo, previa de forma explícita a atuação no ambiente escolar, ressaltando inclusive que tal inserção deve abranger a rede regular de ensino, não se restringindo, portanto a Educação Especial.

Em 2005, o Conselho Federal de Fonoaudiologia por meio da resolução nº 309, novamente indica a importância do trabalho fonoaudiológico no ambiente escolar. Segundo esse documento, a intervenção desse profissional na escola deve ocorrer por meio de parcerias com os educadores objetivando, dentre outros aspectos, a prevenção de alterações relacionadas à audição, linguagem, motricidade oral e voz e a otimização do processo de ensino e aprendizagem, como podemos ver no texto a seguir:

[...] o fonoaudiólogo deve desenvolver ações em parceria com educadores, que contribuam para a promoção, aprimoramento e prevenção de alterações dos aspectos relacionados à audição, linguagem (oral e escrita), motricidade oral e voz e que favoreçam e otimizem o processo de ensino e aprendizagem. (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, Resolução 309, 2005).

Mesmo com o distanciamento, em relação ao ambiente educacional, construído pela trajetória histórica da Fonoaudiologia no Brasil, é notado que esse espaço foi também historicamente resguardado, fator que denota o reconhecimento da importância das possíveis articulações entre a Fonoaudiologia e a Educação.

Maranhão, Pinto e Pedruzzzi (2009), afirmam que a escola é o espaço ideal para a atuação primária do profissional da Fonoaudiologia, pois é frequentado por crianças que se encontram no período de aquisição da linguagem.

Em consonância com essa percepção, Zorzi (2008) considera que a escola contribui de forma significativa para a aquisição e desenvolvimento da linguagem, pois propicia experiências sociais a partir de situações

diversificadas de comunicação que são convertidas em aprendizagem. Com isso, a atuação fonoaudiológica nesse ambiente pode contribuir para um ajustamento entre as características dos indivíduos e a proposta das escolas, promovendo uma melhora na qualidade da comunicação e conseqüentemente das experiências.

Costa (1999), afirma que a intervenção fonoaudiológica no ambiente escolar é muito relevante, na medida em que prepara o aluno para a evolução do processo de alfabetização, contribuindo para a formação de indivíduos hábeis na leitura e escrita.

Zorzi (2010) ressalta a necessidade do conhecimento produzido por fonoaudiólogos dialogar com outras áreas acadêmicas, incorporando nesse processo as dimensões pedagógica e educacional, passando a abordar a complexidade da comunicação que não pode ser reduzida somente a aspectos patológicos ou clínicos. Segundo ele, mesmo os indivíduos que não possuem patologias que afetem a comunicação e, portanto, são considerados "normais" podem possuir dificuldades relacionadas à leitura e escrita. O trabalho fonoaudiológico na educação pode contribuir para a superação das dificuldades de indivíduos com e sem patologias, como se pode observar no texto a seguir:

Muitas propostas de ensino não têm dado conta de preparar de forma adequada muitos daqueles alunos que têm condições favoráveis para aprender. Não é difícil constatar o que aqui está sendo dito. Basta procurarmos responder a algumas questões elementares: Por que tantas crianças afirmam não gostar de ler e escrever? Por que odeiam o português e tudo que se refere à linguagem? Como tais situações têm sido apresentadas para elas de modo a causar tal efeito? Que funções têm tido a linguagem, além daquela acadêmica? Se isto tudo acontece com quem pode aprender, imaginemos o efeito de tais programas sobre aqueles que têm reais dificuldades. (ZORZI, 2010).

Apesar das grandes possibilidades de atuação da Fonoaudiologia no campo educacional observada pela reserva da educação enquanto setor de intervenção fonoaudiológica, por diversas opiniões de especialistas educacionais e fonoaudiólogos, há de se reconhecer que a distância entre as duas áreas inseriu uma lacuna relacionada aos métodos de intervenção.

A regulamentação da profissão do fonoaudiólogo e as diversas resoluções do Conselho Federal de Fonoaudiologia foram eficazes na definição dos campos em que o profissional atuará na escola, entretanto é necessário reconhecer que tais documentos não conseguem superar o problema da falta de identificação dos profissionais da fonoaudiologia com a área educacional. Como os fonoaudiólogos, tradicionalmente formados a partir de um paradigma alicerçado na patologia e na prática clínica, estando distantes a décadas do setor educacional, irão desenvolver suas atividades? Quais os métodos de intervenção? Quais os limites entre a função do fonoaudiólogo na escola e o professor? Quais subsídios teóricos metodológicos esses profissionais possuem para atuar no campo educacional? Tais questionamentos são de suma importância no processo de articulação entre a Fonoaudiologia e a Educação, sendo reflexões a serem efetuadas principalmente pelos próprios fonoaudiólogos, já que os procedimentos existentes no ambiente escolar continuam a serem desenvolvidos mesmo sem a presença do fonoaudiólogo.

Para Lagrotta e César (1997), o trabalho fonoaudiológico na escola pode ser dividido em quatro etapas operacionais: o diagnóstico institucional, a triagem, orientação a pais e professores e a participação no planejamento escolar. Apesar da importância de todos os estágios, o autor chama a atenção para o cuidado com a realização da triagem, pois é ela quem fornecerá os dados de estruturação do planejamento e das ações voltadas aos pais.

Oliveira e Natal (2011), ao abordarem a Fonoaudiologia Educacional afirmam que esta deve priorizar a troca de conhecimentos entre os profissionais envolvidos com o objetivo de promover o desenvolvimento da criança. Para elas, mesmo durante o planejamento escolar o fonoaudiólogo deve adotar uma postura baseada na orientação, tendo em vista que essa tarefa é em essência voltada para os profissionais da

pedagogia, como é possível observar a seguir:

Especificamente sobre a atuação fonoaudiológica em ambiente escolar, deve-se priorizar a troca de conhecimentos entre os profissionais que atuam no local e oferecer subsídios para o aproveitamento do potencial infantil, gerando condições essenciais que propiciam, por sua vez, o desenvolvimento satisfatório da criança. (OLIVEIRA e NATAL, 2011, p. 2)

As autoras percebem o fonoaudiólogo enquanto um assessor que deve atuar em conjunto com os professores, refletindo sobre os discursos que revelem suas práticas pedagógicas. Tal assessoria deve priorizar o desenvolvimento da linguagem escrita, tendo em vista que segundo dados obtidos a partir de pesquisa com 19 professores que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental público em cidades do interior do estado do Paraná, esses profissionais mesmo estando legalmente habilitados ao exercício do trabalho, possuem carência de conhecimentos fundamentais para a realização do processo de alfabetização.

O assessoramento, principalmente dos professores, também é ressaltado por Roncato e Lacerda (2005). Para elas, a função do fonoaudiólogo deve ser baseada na conscientização dos educadores de seu papel de interlocutor ativo, introdutor de palavras e sentidos no cotidiano dos alunos:

Assim, cabe ao fonoaudiólogo que atua no ambiente escolar apontar/conscientizar o educador quanto ao seu papel de interlocutor mais ativo/poderoso/ideal; pois é ele quem, na maior parte do tempo, introduz palavras com sentidos novos, muitas vezes inesperados pelos alunos, convidando-os a reflexões e idéias até então 'desconhecidas'. O professor provoca novas relações com as palavras e sentidos e tais aspectos podem ser melhor explorados no espaço escolar. (RONCATO e LACERDA, 2005, p. 216).

Costa (1999) enfatiza que o fonoaudiólogo educacional deve compreender de forma clara que seu papel está em contribuir com o processo protagonizado pelo professor a partir de novas estratégias. Nessa articulação, o professor deve ter uma postura crítica sobre sua prática pedagógica, criticando também os conceitos recomendados pelo fonoaudiólogo, não se limitando a efetuar reproduções, em sala de aula, de fórmulas fonoaudiológicas acríticas.

A definição dos papéis a serem ocupados no espaço escolar é de suma importância para a consolidação da Fonoaudiologia Educacional, no entanto o reduzido número de instituições educacionais que possuem fonoaudiólogos vinculados oficialmente à equipe pedagógica e o conhecimento insuficiente de fonoaudiólogos e professores de como seria desenvolvida a Fonoaudiologia Educacional são barreiras a serem superadas.

Maranhão, Pinto e Pedruzzzi (2009) identificando essa situação na cidade de Maceió/AL, realizaram uma investigação sobre as informações que os professores da educação infantil possuíam em relação à fonoaudióloga na escola e a temas ligados a área da linguagem. Com isso, foi aplicado um questionário com 17 questões, respondido por 73 professores da educação infantil pública, com faixa etária entre 20 e 56 anos. O estudo revelou uma carência relacionada a informações sobre a aquisição da linguagem de 42,5% dos participantes, a identificação de um grande número de supostas patologias nos discentes, mesmo sem terem os conceitos básicos necessários para tal detecção, à predominância da associação da atuação do fonoaudiólogo na escola com a realização de terapias dirigidas a patologias instaladas nos alunos.

Partindo da identificação de um contexto semelhante em pré-escolas da Zona Oeste da cidade de São Paulo, Luzardo e Nemr (2006) realizaram um estudo sobre a eficácia da orientação, por meio de periódicos mensais, destinados a professores da pré-escola sobre o papel da Fonoaudiologia no ambiente escolar. A partir disso, observou-se que os educadores desenvolveram posturas mais atentas às alterações no

desenvolvimento da linguagem dos discentes. Para elas, é fundamental instrumentalizar os professores fornecendo subsídios teóricos que os habilitem a identificar possíveis alterações da linguagem, bem como a contribuir em seu cotidiano profissional com o desenvolvimento desta, como se pode observar a seguir:

O papel do fonoaudiólogo nessa tarefa seria o de instrumentalizar e (in)formar o professor não só para detectar as alterações, mas também fornecer subsídios para que possa contribuir na sua prática pedagógica com o processo de desenvolvimento da linguagem. (LUZARDO e NEMR, 2006, p. 299).

A assessoria fonoaudiologia escolar além da orientação a pais e docentes sobre questões relacionadas ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita dos alunos, problemas de fala, também pode contribuir para a saúde vocal dos docentes a partir da implantação de programas de higiene vocal, bem como indicar possíveis adequações estruturais para uma melhoria do ambiente de trabalho dos professores, ações que podem resultar em uma diminuição no número de docentes afastados de sala de aula por problemas de voz.

Lemos e Rumel (2005) em pesquisa realizada com 236 professores da rede municipal de Criciúma-SC sobre a ocorrência de disfonias decorrentes do exercício funcional, verificaram uma prevalência de 46,80% de professores disfônicos. Segundo eles, tal situação possui relação direta com o longo período de uso da voz e falta de orientação sobre a higiene vocal, tendo em vista que os cursos de formação de professores ainda não possuem disciplinas que forneçam orientação sobre a utilização da voz.

A conscientização de professores, profissionais da voz, sobre a necessidade da higiene vocal durante a atividade profissional foi objeto de estudo de Silvério (2008) que analisou o perfil vocal de 42 professores de escolas públicas antes e após a participação em grupos de vivência de voz. Segundo esse estudo, ocorreu uma melhora significativa nos cuidados com a voz e uma maior compreensão dos fatores que determinam alterações vocais no ambiente de trabalho por parte dos docentes. Isso indica que ações educativas continuadas são importantes para a melhoria das condições de trabalho e de saúde dos profissionais do magistério, bem como para um melhor desenvolvimento do processo de ensino.

A articulação entre a Fonoaudiologia e a Educação tende a contribuir para a efetivação dos processos de ensino e aprendizagem, seja beneficiando a saúde vocal do professor, melhorando a compreensão da comunidade escolar sobre como lidar com os discentes que possuem alterações relacionadas à audição, fala e linguagem ou mesmo auxiliando alunos que possuem dificuldades relacionadas a linguagem oral e escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação entre a Educação e a Fonoaudiologia é marcante para essa última, tendo em vista que sua implantação no Brasil não pode ser dissociada do ambiente escolar. Entretanto, pode-se perceber um longo período de distanciamento em que a escola foi substituída pela clínica, desvinculando o fonoaudiólogo do ambiente educacional. Apesar disso, historicamente reservou-se o espaço escolar como área para a intervenção fonoaudiológica.

Atualmente é possível perceber um movimento de retorno à educação através da implementação da Educação Inclusiva, da criação na Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia do comitê de Fonoaudiologia Educacional, do curso de especialização em Fonoaudiologia Educacional e de inúmeros projetos e ações que situam o fonoaudiólogo no ambiente educacional.

Como se pode verificar no decorrer desse trabalho, esse campo apesar de antigo deve ser reconstruído, inclusive em termos imaginários. O processo de solidificação da Fonoaudiologia Educacional passa pela

construção da identificação do fonoaudiólogo como um profissional pertencente à escola, pela compreensão das possibilidades de intervenção fonoaudiológicas no processo de ensino, por uma definição do lugar a ser ocupado por este profissional inserido no ambiente educacional.

Esses procedimentos podem estruturar o imaginário da Fonoaudiologia Educacional, no entanto suas bases, para que sejam sólidas, não podem estar estritamente vinculadas à Educação Básica. Elas devem envolver o processo de formação de professores de diversas áreas e fonoaudiólogos, ou seja, os cursos de graduação protagonizar estas ações.

Portanto, faz-se necessário refletir academicamente sobre a forma como os conceitos de aquisição e desenvolvimento da linguagem aparecem nos currículos das graduações em Pedagogia, qual o lugar ocupado pela Fonoaudiologia Educacional nas disciplinas de Educação dos diversos cursos de formação de professores, qual a importância da área educacional nas grades curriculares dos cursos de Fonoaudiologia, quais os métodos e técnicas específicas para o trabalho no setor educacional são acessados pelos graduandos em Fonoaudiologia.

Contudo, pode-se afirmar que a construção Fonoaudiologia Educacional depende de ações dialógicas envolvendo a Educação Básica e a Educação Superior. Tal articulação tende a ser lenta e gradual, a ocupar lugar de destaque nos centros de educação extrapolando os limites dos cursos de Fonoaudiologia. A efetivação dessa tendência, certamente, será decisiva para a formação, a médio e longo, prazo de educadores e fonoaudiólogos instrumentalizados para o desempenho de ações integradas no contexto das escolas de educação básica brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHA, Stella Maris Cortez e OSÓRIO, Alda Maria do Nascimento. Fonoaudiologia e Educação: uma revisão da prática histórica. **Revista CEFAC**. São Paulo, v.6, n.2, 2004, pp. 215 – 221.

BRASIL. **Lei 6.965** de 09/12/1981. Brasília (DF), 1981.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIÓLOGIA. **Exercício profissional do fonoaudiólogo**. Brasília (DF), 2002.

_____. **Resolução nº 309**. Brasília (DF), 2005.

COSTA, Marilydia Gonçalves. Fonoaudiólogo e o professor de educação infantil: uma relação viva. **Revista CEFAC**. São Paulo, 1999.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LAGROTTA, M. G.M. & CÉSAR, C.P.H.R. **A fonoaudiologia nas instituições**. São Paulo: Lovise, 1997.

LEMOS, Simone e RUMEL, Davi. Ocorrência de disфонia em professores de escolas públicas da rede municipal de ensino de Criciúma-SC. In: **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. São Paulo: FUNDACENTRO, 2005, pp. 07-14.

LUZARDO, Raquel e NEMR, Kátia. Instrumentalização fonoaudiológica para professores da educação infantil. **Revista CEFAC**. São Paulo, 2006, pp. 289-300.

MARANHÃO, Poliana Carla Santos, PINTO, Sabrina Maria Pimentel da Cunha e PEDRUZZI, Cristiane Monteiro. Fonoaudiologia e educação infantil: uma parceria necessária. **Revista CEFAC**. São Paulo, 2009, pp. 59-66.

OLIVEIRA, Jáima Pinheiro de e NATAL, Rosyane Meyre Pimenta. A linguagem escrita na perspectiva de educadores: subsídios para propostas de assessoria fonoaudiológica escolar. **Revista CEFAC**. São Paulo,

2011.

RONCATO, Caroline Cominetti e LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. Possibilidades de desenvolvimento de linguagem no espaço da educação infantil. **Distúrbios da comunicação**. São Paulo, 2005.

SILVÉRIO, Kelly Cristina Alves *et al.* **Ações em saúde vocal: proposta de melhoria do perfil vocal de professores**. Piracicaba: Pró-Fono, 2008.

ZORZI, Jaime Luiz. **A intervenção fonoaudiológica nas alterações da linguagem**. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

_____. **Fonoaudiologia, aprendizagem e educação**. Revista CEFAC São Paulo, 2010, p. 12.

[1] Graduando em Fonoaudiologia - UFS/ E-mail: gladsonde@yahoo.com.br